

CONEXÕES: semiótica e educação

Ana Cristina Teodoro da Silva

Resumo: Pretende-se apresentar a semiótica como caminho de reflexão para a Educação. A proposta está fundamentada no pensamento de Charles Sanders Peirce, tal qual foi analisado por Lucia Santaella. Parte-se da contextualização da semiótica e da definição de signo, para então esboçar consequências dessa visão de mundo aos processos educacionais. O pensamento semiótico leva o sujeito a situar-se em rede, como signo produzido e produtivo. O aprender é condição de estar vivo, em conexão, em construção.

Palavras-chave: Semiótica. Educação. Conexão.

Imagino que o leitor ou leitora quer saber no que a semiótica pode contribuir à Educação, e também assentar o conceito, saber o que a semiótica é. Sigo esse propósito simples de enunciar, indicar, sabendo e alertando que é propósito amplo, vasto, que não pode ser esgotado aqui, pois demanda maiores estudos e aprofundamentos. Assim, se esse texto conseguir ser inspirador e indicar caminhos, terá cumprido sua função – e será um signo que contribui ao conhecimento.

De onde vem a semiótica

Na história da ciência, há um acúmulo de conhecimento, que é parte do acervo da humanidade e diz respeito ao conteúdo das áreas científicas. Tal acervo se torna disponível na medida em que está relacionado com interesses sociais, saberes culturais e usos tecnológicos. Há momentos em que as questões sociais postas entram em consonância com o conhecimento sistematizado e então ocorre o ambiente propício ao nascimento de uma ideia, ou à realização de algo inventivo, ou ainda à disseminação de um processo, projeto ou sonho.

Assim, ocorrem coincidências. O nascimento da semiótica enquanto área de conhecimento ocorreu simultaneamente em três lugares diferentes, entre o final do século XIX e o início do XX, mostrando como chegávamos a um

momento em que essa sistematização tornava-se plausível, as linguagens e cognições podiam e precisavam ser pensadas. Um dos lugares foi a União Soviética, a partir de trabalhos de filologia que inspirarão, por exemplo, e para citar autores conhecidos nossos, Vigotski, o cineasta Eisenstein e Mikhail Bakhtin. Cada um deles constituiu uma trajetória de distinção, talvez não seja pecado afirmar que o que os une é a preocupação em relacionar os estudos dos signos com as questões sociais.

Outro lugar em que a semiótica floresceu foi Genebra, a partir das aulas de Ferdinand Saussure, anotadas por alunos, dando origem à Linguística que conhecemos, altamente influente na área de Letras, na Teoria Literária e também na Antropologia. A partir das premissas investigadas na linguagem verbal, esta linha chamada de Semiologia teve enorme repercussão em todo o mundo (SANTAELLA, 2003).

Um terceiro lugar em que a semiótica floresceu foi os Estados Unidos, por meio do cientista Charles Sanders Peirce (1839-1914), estudioso das mais diversas áreas, da Lógica à Filosofia, interessado em um leque enormemente abrangente de questões. A semiótica de Peirce distingue-se por ser um sistema filosófico e pretender explicar todos os fenômenos sógnicos.

E o leitor se pergunta: e como saberei qual das três vertentes estudar?

Estas vertentes não são excludentes, são colaborativas. Em qualquer área de conhecimento, há teorias diferentes que ora entram em contradição, ora entram mesmo em paradoxo, ou seja, situações em que posições divergentes têm, cada uma, sua justificativa pertinente. O conjunto do conhecimento deve admitir a contradição e o paradoxo, com isso temos uma grande lição: cada parte do conhecimento tem sua abrangência e seu limite; o conhecimento total é um ideal a ser perseguido, porém nunca alcançado, pois não temos como alcançar a verdade, embora possamos procurá-la. O conjunto do conhecimento é resultado da soma de todos os esforços humanos, é obra coletiva, que temos como direito e herança, sempre em construção, sempre em movimento.

Cada vertente da semiótica tem uma visão de mundo, que pode ser caracterizada de forma didática e simplista: socialista, no caso da soviética;

estruturalista, em sua vertente europeia; fenomenológica, em Peirce. Escolher uma teoria diz respeito a buscar o arranjo apropriado para responder às problemáticas que a leitora ou pesquisadora elabora, e, fundamentalmente, diz respeito também à escolha de um campo de visão, de uma perspectiva. Este texto enfoca a semiótica a partir de Charles Sanders Peirce.¹

Semiótica e signo

Peirce sentia, observava e estudava o mundo a sua volta com voracidade. Sua capacidade de trafegar em diferentes áreas era espantosa, e certamente está relacionada com a ousada proposição feita ainda jovem: tinha por hipótese que os fenômenos deviam ter algo em comum, queria distinguir categorias fundamentais que estivessem presentes em qualquer processo relacional. Este projeto desenvolveu-se por toda a sua vida, com frutos. A semiótica de Peirce está baseada nas categorias fenomenológicas a que chegou, e que precisamos compreender para iniciar o aprendizado em semiótica.²

Todo e qualquer fenômeno, seja ele cultural, natural, social, individual, comunicativo, cognitivo; desde a interação entre células, até o diálogo entre o rio e as árvores e plantas circundantes, toda troca de informações ou afetos, corresponde às categorias encontradas por Peirce, que são o fundamento fenomenológico de sua semiótica. Destaque-se que, já aqui, é notório que estamos sempre em relação. Qualquer ser é constituído em uma rede de relações, que, ao mesmo tempo, ajuda a constituir.

Para o objetivo deste texto, parece suficiente ter em mente que há diversas fenomenologias, e que elas têm em comum o entendimento de que as coisas ou fatos não são conhecidos diretamente, há sempre a mediação de uma mente ou de um signo. O fenômeno é o objeto ou fato representado em

¹ Para estudar os precursores da semiótica, sua história e as principais ideias semióticas do século XX, sugiro os livros de Winfried Nöth (1995 e 1996).

² Devo grande parte do que posso saber de semiótica ao estudo da obra de Lucia Santaella, uma das grandes estudiosas de Peirce no mundo. Sugiro ao leitor interessado que pesquise sua obra - produzida em sua maioria em português - que procura explicitar o pensamento de Peirce, em seus fundamentos, estética, discutindo percepção e cognição. Semióticas específicas são também trabalhadas, imagens, estudos da mídia, da cultura e da presença e atuação contemporânea dos signos.

uma mente, sendo que o fato ou objeto precisa ser mediado, precisa ser representado por um signo e interpretado para atingir uma mente. Não temos acesso direto e objetivo às coisas.

Peirce constituiu uma fenomenologia própria, assentada nas três categorias que percebe em todos os fenômenos, essas categorias foram nominadas primeiridade, secundidade e terceiridade. A terceiridade está assentada na secundidade e primeiridade; a secundidade está assentada na primeiridade; a primeiridade é autônoma. Em outras palavras, não há terceiro sem segundo e primeiro; não há segundo sem primeiro. Há primeiro.

Estas são as categorias básicas de todas as coisas, sejam físicas, psicológicas, reais, sonhadas ou imaginárias. Vamos agora procurar caracterizar cada uma delas. A primeiridade é livre e original, da qualidade do sentir e do ser presente. Não pode ser analisada, pensada, pois o pensamento demanda tempo o que retira a sensação do presente. A análise divide seu objeto em partes, e a primeiridade é indivisível.

Qualquer processo emocional ou de pensamento tem uma base de primeiridade, de sentimento, precedida pela secundidade, que diz respeito à ação e reação dos objetos, que podem ser coisas ou ideias, reais ou imaginários. A secundidade é a categoria da existência, pois existimos tropeçando em coisas, recebendo ideias e sonhos, esbarrando em imagens, pessoas, e tudo o que vier ocupando um tempo e um espaço. Diz-se secundidade pois necessita de dois, uma mente e um outro, ocorrendo um impacto, uma reação. A ação e reação têm por fundo os sentimentos da primeiridade, que começam a se manifestar por meio do encontro com algo.

Ao pensarmos, entendermos, ao termos consciência, já estamos em terceiridade, esse momento fenomenológico em que uma mente interpreta o contato com algo tendo por base um sentimento. É terceiro, depende do segundo e do primeiro. Sempre que ocorre uma percepção, sempre que compreendemos algo completamos um ciclo semiótico. É a camada consciente da interpretação, da compreensão, talvez por isso a mais fácil de entender, porém ocorre calcada na secundidade e na primeiridade.

As três categorias são a base constituinte de qualquer fenômeno, portanto, para saber se há um fenômeno, é necessário identificar as três

categorias. Seria interessante que nesse momento o leitor ou leitora suspendesse a leitura para testar as categorias apresentadas. Tente perceber que tudo, o diálogo das plantas com o ar e a luz; o contato dos animais com as coisas; os pensamentos que elaboramos, toda relação semiótica tem uma mente, com sentimentos prévios, que encontra com um outro, seja ele objeto, ideia ou ambiente, e produz um significado. Exercite, tente identificar as três categorias. Nem sempre é simples, pois nossas percepções são imediatas. Mas algumas perguntas podem ajudar: ao produzirmos um significado, estamos isentos de pré-concepções? O que nos faz pensar, produzir significados, não é a leitura de textos e do mundo, o contato com seres vivos ou artificiais, ou seja, com o outro?

Com isso, estamos preparados para a definição de signo. O signo é o resultado da interpretação que uma mente dá a um objeto. De acordo com as três categorias fundamentais, há um sentimento livre e infinito, que se depara com um objeto. Este objeto pode ser uma coisa material, uma ideia, um sonho. Como resultado deste impacto produz-se uma interpretação, um significado.

Um exemplo simples. A leitora tem uma experiência de uma palavra que virá. Ainda não sabe qual é, então é livre para qualquer coisa. Lá vem a palavra: árvore. A palavra gerou um significado, que é fruto da experiência da leitora em relação com a imagem da palavra: árvore. Cada leitora, cada leitor, imaginará uma árvore, ou o que for. O significado gerado é um signo, que representa “árvore”, com base em experiências prévias. O mesmo processo acontece a cada vez que respondemos a algo. Um vulto movimenta-se em meu campo visual, surpreendo-me levemente, viro, é o gato, entendi, sossego. Gero um signo, gato, pleno de significados prévios para mim. Este signo pode ser representado por escrito pela sequência de letras g-a-t-o, de forma que posso apresentar o resultado de minha interpretação como objeto ao leitor, e o leitor gerará outro signo, de acordo com sua experiência com gatos.

Ou seja, estamos em uma cadeia de signos, um signo gera outro signo, sempre por meio do confronto entre objetos (reais ou imaginários) e pré-concepções, gerando interpretações, signos, que se tornarão objetos a outras mentes. O mundo dos signos está em constante movimento, e o que para mim

é significado (meu gato), para você é um objeto que pode resultar em “bicho mau”, ou Frajola, Tom & Jerry, ou seu namorado, ou...

O processo gerador de signos é chamado de semiose. A semiótica estuda a semiose, os processos geradores de signos.

A semiótica de Peirce, por sua característica fundamentalmente triádica, questiona as dicotomias e dualismos característicos do conhecimento moderno. Para o pensamento moderno – hegemônico em nossas universidades – o conhecimento é uma relação entre sujeito e objeto, sendo que há posicionamentos que priorizam o sujeito, como o racionalismo, e há posicionamentos que priorizam o objeto, como o empirismo. Tal dualidade se estende em outros pares: natureza x cultura; razão x sentimento; verdade x mentira. O raciocínio vinculado à visão de mundo dualista entende que algo ou é natureza, ou é cultura; ou é razão, ou é sentimento; sempre ou isso, ou aquilo, prejudicando a compreensão de que os atos humanos podem ser naturais e culturais ao mesmo tempo, como meu ato de escrever, natural e cultural. O resultado racional é sempre fundamentado em sentimentos, por mais que se diga que a razão é objetiva. Não podemos garantir o bem erradicando o mal, pois cada um de nós guarda emoções contraditórias. Por fim, cada polo de cada dualidade depende do outro polo para existir. Como definir o que é alto sem uma referência de baixo?

Por ser triádica, a visão de mundo semiótica questiona a oposição entre os pares, pois a semiose necessita da mente, do objeto e do signo, não pode faltar nenhum dos fundamentos. Assim, passamos a raciocinar em rede, por conexões que partem do ponto primeiro, encontram-se com um segundo e alcançam um terceiro, e assim sucessivamente. Podemos perguntar até que ponto o significado em uma mente corresponde ao objeto, mas já não podemos dizer que o significado é meramente subjetivo (pois há um objeto); tampouco que se trata da “realidade das coisas” (já que o significado é sempre elaborado em uma mente). As questões passam a ser outras, pois estamos em um rede de signos, que nos produz, e nesta rede somos criativos, constituindo-a por meio de nossas produções sígnicas.

Possibilidades de pensar a educação em semiose

Imagine a explosão de signos em sala de aula, cada aluno lendo as palavras do professor e gerando signos de acordo com sua experiência pessoal. O professor, por sua vez, representa um conteúdo (uma doutrina, uma imagem, um conceito) por meio de palavras que procuram ser inspiradoras dentro de objetivos certos, mas que serão lidas conforme cada mente. Quando o aluno fala ou escreve, ele enuncia e o professor interpreta, de acordo com a experiência que o professor tem. Ou seja, os lugares de enunciação, objeto e recepção são móveis, os processos de aprendizado ocorrem em todas as mentes envolvidas, de fato, alunos e professores aprendem e ensinam.

A semiótica é parte da arquitetura do pensamento de Peirce, que pode ser dividido em Fenomenologia, Ciências Normativas e Metafísica. Toda a arquitetura do pensamento do autor segue a lógica triádica, ou seja, segue a lógica das três categorias fundamentais. As Ciências Normativas são divididas em Estética, Ética e Semiótica ou Lógica. Então, a semiótica ou lógica é assentada na ética, que é por sua vez dependente da estética.

Pensem um pouco nas consequências disso. A estética trata dos signos da fruição, do sentido do belo, trata de “que ideais guiam nossos sentimentos?” (SANTAELLA, 2004, p. 2). É com base em um senso estético que vivenciamos a ética, que trata das relações entre um e outro, do contato, das ações e reações resultantes do impacto do encontro. “Que ideais orientam nossa conduta?” (idem). Somos éticos porque encontramos com algo ou alguém tendo um fundamento estético, a ética depende de nossa noção de belo. A partir do fundamento estético, vivenciamos a ética na relação com o outro, e podemos então significar, usar o intelecto para entender, compreender, racionalizar, para formalizar uma lógica, que se preocupa com os ideais e normas que orientam o pensamento. E, se estamos no terreno do signo, estamos no terreno da semiótica. Somos racionais ao significarmos um encontro entre um e outro que foi temperado por nosso senso estético.³

Seguindo essa lógica, os processos educacionais, formais ou informais, desde cada ato da educação familiar até as relações acadêmicas,

³ Sugiro o belo livro Estética: de Platão a Peirce, de Lucia Santaella (1994) .

cada relação pedagógica é baseada em um tipo de afeto (e vale lembrar que os sentimentos são nuançados, não são meramente “positivos” ou “negativos”), em uma relação que encarna certa ética e, como resultado da estética e da ética, temos um fazer pedagógico, significamos a educação.⁴ De forma simples: o que entendemos por educação depende de nosso senso ético e da estética com a qual olhamos o mundo.

A lógica ou semiótica é dividida em três partes, sempre três, de acordo com as categorias fundamentais. São elas a gramática especulativa, lógica crítica e retórica especulativa ou metodêutica (SANTAELLA, 2004). Caso se queira investigar os métodos oriundos das diferentes formas de raciocínio, deve-se estudar a metodêutica, que é fundamentada na lógica crítica. A lógica crítica estuda os tipos de raciocínios ou argumentos – são eles, basicamente abdução, indução e dedução.

Vale a pena abrir um parênteses e destacar a abdução como tipo de raciocínio ou argumento, e como base da indução e dedução, mais conhecidas do pensamento moderno. A abdução está em posição de primeira (a indução na posição de segunda e a dedução na posição de terceira). Como paralela a primeiridade, a abdução é o momento do *insight*, é uma quase adivinhação da resposta a um problema, trata-se da elaboração de uma hipótese, que será observada e demonstrada por indução e dedução. Outra palavra corrente que corresponde ao raciocínio abduativo é o *feeling*, presente no pesquisador ou no professor atento aos processos dos quais faz parte. O reconhecimento deste momento “divinatório” é notório no pensamento de Peirce, é o princípio da investigação, dando lugar ao que poderia parecer estrangeiro ao fazer ciência. O próprio Peirce pode ser lembrado como exemplo de abdução. Quando jovem, abduziu que havia algo em comum nos fenômenos todos que estudava nas mais diferentes áreas. A hipótese que levantou foi comprovada após décadas de estudos.

Retornando às partes da lógica ou semiótica, falamos da metodêutica e da lógica crítica, terceira e segunda. A primeira é a gramática especulativa, que estuda como e quando certos processos podem ser

⁴ Para pensar mais sobre as relações entre semiótica, educação, cognição e comunicação, remeto ao artigo A Perspectiva Semiótica da Educação (SILVA, 2008), disponível na internet.

considerados signos. É comum que se entenda que a semiótica está restrita a este procedimento. A apresentação do diagrama do pensamento de Peirce é importante para que procuremos compreender que a semiótica é parte de um sistema filosófico, de uma visão de mundo. O funcionamento dos signos é análogo aos métodos ou aos raciocínios porque todos estão em função das categorias fenomenológicas fundamentais, não poderia ser diferente. No entanto, a teoria geral dos signos está no caminho de estudo dos raciocínios e dos métodos. O que tem por consequência que os signos pedagógicos, por exemplo, devem ter coerência com os raciocínios e métodos envolvidos.

O signo pode ser analisado em suas propriedades internas, como ao propormos a análise de um texto escrito, de um poema. Outra possibilidade é analisar a que o signo se refere ou representa, como quando usamos um escrito de Galileu Galilei como fonte do pensamento moderno. E, ainda, o signo pode ser analisado quanto ao que pode despertar em seus receptores, que potenciais estão ali implícitos, por exemplo, quando um professor prepara aula, escolhe um filme para inspirar os alunos a pensarem determinadas questões.

Para tratar de linguagens específicas, há semióticas específicas, como a semiótica da imagem, da literatura, da música. A especificidade refere-se ao aprofundamento nas características sígnicas pertinentes ao objeto investigado ou à problemática envolvida. Entende-se que é pertinente situar a semiótica em seu quadro mais amplo e genérico, identificando suas bases e refletindo sobre elas, e procurar, dependendo do caso, as semióticas específicas que atendam às inquietações.

Perceba que a semiótica oferece um caminho lógico de compreensão de como ocorre o aprendizado, da perspectiva do receptor, da perspectiva do enunciador, indagando o potencial do objeto, porém sempre levando em conta que tais posições são móveis, ora sou professora-enunciadora, na sequência o aluno enuncia e eu passo a ser receptora, minha conduta e gestualidade são objetos significantes para meus leitores-alunos, cada relação é fundamentada em sentimentos e encontros, para gerar significações. Em outras palavras, a compreensão é baseada em ética e estética.

Entendo que a semiótica traz fundamentos altamente inspiradores para pensarmos a dinâmica dos processos educacionais, estamos conectados, em rede, significando e sendo significados, somos signos, criamos signos, geramos signos, nossas leituras são fundadas em nosso capital de conhecimentos e experiências em diálogo com o mundo, pessoas, coisas ou ideias.

A partir da semiótica, não há como pensar a educação sem pensar como ocorre o pensamento, como cada mente pode ler e ser lida, pois estamos em processo de aprendizado na mesma proporção em que estamos vivos, já que a vida depende de conexão, relação, interdependência. O pensamento semiótico não propõe um futuro previamente definido, pois entende que o futuro será o que estamos agora a constituir, na leitura de signos e constituindo outros signos. Assim como não conseguimos extirpar o passado, somos históricos e recebemos heranças culturais, familiares, sociais, políticas, também estamos a gerar o futuro. Não temos como saber como nossos signos serão aproveitados, mas podemos postular que as leituras feitas dependerão dos potenciais que estiverem à disposição.

Referências

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**. De Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995. (Coleção E)

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996. (Coleção E)

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos. (1. ed. 1983)

SANTAELLA, Lucia. **Estética**: de Platão a Peirce. 2. ed. São Paulo: Experimento, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2004.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. A perspectiva semiótica da educação. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v.11, n.3, p.259-267, set./dez. 2008. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em

<http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v11n3/002_ana_cristina-259-267.pdf>
Acesso em 18 maio 2012.

Nota sobre a autora

Ana Cristina Teodoro da Silva é professora da Universidade Estadual de Maringá, atua no curso de Comunicação e Mídias, que está lotado no Departamento de Fundamentos da Educação. Com formação em História, tem como inspiração em suas pesquisas os processos geradores de significado em imagens da imprensa, pelo que estudou semiótica.